

EDUCAÇÃO PERMANENTE COM AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA PRÁTICA EXTENSIONISTA

*PERMANENT EDUCATION WITH COMMUNITY HEALTH AGENTS: CHALLENGES AND
PROSPECTS OF AN EXTENSIONIST PRACTICE*

MANOEL DEUSDEDIT JÚNIOR¹; KARLA GOMES NUNES²; FÁBIO HENRIQUE ALVES DA SILVA³ ;
FLAVIA GONÇALVES DA SILVA⁴; GEDEÃO FERREIRA DE CARVALHO⁵

Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Doutor em Psicologia Social, Mestre em Engenharia de Produção, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

² Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Doutora em Psicologia Social e Institucional, Mestre em Desenvolvimento Regional, graduada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

³Aluno do 8º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁴ Aluna do 8º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁵ Aluno do 8º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental. Agente Comunitária. Educação Permanente.

KEYWORDS: Mental health. Community Agent. Permanent Education.

RESUMO: O presente trabalho trata-se de um estudo sobre a educação permanente em saúde com agentes comunitárias. O trabalho foi aplicado em forma de oficina. Essa trabalho tem como objetivo geral identificar os aspectos do trabalho na vida das agentes comunitárias, articulando também com a psicologia social comunitária. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido o trabalho é um meio social onde o sujeito está exposto a fatores estressores, o que influência diretamente na saúde mental. Os métodos utilizados foram oficinas com vídeo, conversas e dinâmicas. Por fim, é possível mostrar que o trabalho gera sentimentos de prazer e insegurança nas agentes, e que muitas possuem um conhecimento prático e não sabiam nomear.

ABSTRACT: This study is a study about the permanent education in health with community agents. The work was applied in the form of a workshop. This work has as general objective to identify the aspects of the work in the life of the community agents, articulating also with the community social psychology. According to the bibliographical study developed the work is a social environment where the subject is exposed to stressors, which directly influence the mental health. The methods used were workshops

1
2
3
4
5

with video, conversations and dynamics. Finally, it is possible to show that the work generates feelings of pleasure and insecurity in the agents, and that many have a practical knowledge and could not name.

INTRODUÇÃO: A educação permanente em saúde Mental, realizada com as Agentes Comunitárias de Saúde, ocorreu por meio de uma parceria entre a PUC Betim e a Secretária de Saúde do Município. Silva e Duarte (2015, p.104) definem educação permanente como “ações educativas que buscam alternativas e soluções para a transformação das práticas em saúde por meio da problematização coletiva.” Em seu primeiro momento, foi supervisionada por dois professores e seus orientandos através de Financiamento de pesquisa, do qual obteve bons resultados. Conseqüentemente, a realização da educação permanente foi tão positiva que teve continuidade como trabalho interdisciplinar na sala de aula no curso de psicologia. Os professores Manoel Deusdedit e de Karla Gomes responsáveis, respectivamente, pelas disciplinas de Saúde Mental e Trabalho e Psicologia Social Comunitária, criaram uma prática extensionista em conjunto, sendo assim a turma de 7º período foi dividida em grupos e cada um ficou responsável por um grupo de agentes comunitárias. Desta forma, desenvolveu-se a prática partindo da ideia de capacitação em saúde mental, porém, ao longo dos encontros percebeu-se que as agentes comunitárias de saúde possuíam experiência em atendimento com pacientes portadores de vários tipos de transtornos que as mesmas não sabiam nomear. Com isso evidente, foi decidido que as agentes comunitárias levariam propostas temáticas do gostariam que fossem abordado nas oficinas, e, conseqüentemente, ocorreria uma troca de conhecimento entre elas e os estagiários de Psicologia. Proporcionando um encontro em o saber dentro da universidade e o da prática social, englobando questões pessoais e do trabalho. Os momentos desenvolvidos pela prática deste grupo foram ricos e cheios de experiências, não somente do trabalho, mas de vivências familiares de ambos participantes da prática. Percebendo que o relato das histórias subjetivas é de grande importância, uma vez que em determinado momento percebeu-se que havia uma semelhança e poderia desenvolver discursões proveitosas com coletivo do grupo. A troca é uma característica do método de ensino-aprendizagem entre pessoas. Os envolvidos partilham conhecimentos, sentimentos, experiências e isso faz com se crie um laços. Silva e Duarte (2015, p.105) “Principalmente quando se trata de qualificar pessoas que já trazem consigo uma bagagem composta pelo conhecimento técnico e fortemente influenciada por experiências vivenciadas em seu cotidiano, permeada de valores, atitudes e significações pessoais”. **MATERIAL E METÓDOS:** Para a realização das atividades em questão, usou-se três métodos para se alcançar o objetivo inicialmente proposto, do qual teve como desafio encontros pautados na troca de saberes, fugindo da premissa de capacitação.

De início, entendeu-se que seria primordial a metodologia de educação permanente em saúde, que consiste numa prática envolvendo ensino-aprendizagem e política de atenção em saúde, com objetivo de produzir efeitos nos processos de prática do trabalho, apoiando-se no conceito de ensino pela problematização e aprendizagem significativa, visando criar um conhecimento no cotidiano das instituições de saúde, levando em conta as vivências dos trabalhadores e dos problemas enfrentados diariamente e de suas experiências baseadas na interrogações e mudanças (CECCIM e FERLA, 2006). Num segundo momento, houveram alternâncias entre dois métodos, a saber, rodas de conversas e oficinas em dinâmicas de grupo. Sobre o primeiro, Sampaio (2014) afirma que sua finalidade consiste em possibilitar encontros e dialógicos, criando ressignificação de sentido sobre as experiências vividas pelos participantes, baseando sua premissa na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem, se implicam dialeticamente, como atores históricos e sociais, críticos e reflexivos diante da realidade. Nelas a figura do mestre dissolve-se como centro do processo, e emerge a fala como signo, envolvendo valores, normas, cultura, práticas e discurso. Em última instância, na roda, a fala é compreendida como expressão de modos de vida. Já sobre o segundo método (oficinas em dinâmica de grupo), foi aplicado no intuito de sistematizar o processo de criação feito nas práticas e abarcar aspectos pedagógicos e terapêuticos. Neste sentido buscou-se pensar as oficinas nas diretrizes definidas por Afonso (2000), pensadas como trabalho estruturado num determinado grupo, tendo como foco uma questão central em que o grupo se propõe a elaborar, num contexto social. Neste contexto, busca-se trabalhar suas vivências, afetos, sentimentos; em suma, algo que envolva os sujeitos de forma integral, diferente de uma reflexão puramente racional e objetiva. Vale ressaltar que a oficina integra aspectos pedagógicos e terapêuticos. Todavia, difere-se de um processo apenas terapêutico ou pedagógico pelo fato de articular informações e reflexões, com os aspectos significativo, afetivos e de vivências que trabalhado e ser desenvolvido evoca. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As agentes de saúde iniciam a formação indagando sobre os objetivos da prática e fazem pontuações relevantes em relação ao contexto de trabalho o qual estão inseridas. O que levam o grupo a uma adaptação e transformação da proposta de capacitação em formação, embasada pela troca de conhecimento. Esse movimento de transição foi essencial na construção do vínculo grupal, que favoreceu uma maior abertura dos integrantes do grupo a compartilhar suas experiências. O trabalho perpassou em todas as esferas, e a necessidade de nomear os fenômenos como a esquizofrenia, depressão, mal de *Alzheimer*, que são trazidos pelos pacientes ou vividos por algum ente próximo. Golombek (2009, p45) “Uma vez que se desmistifiquem o fenômeno e as ideias sobre ele, é um bom momento para introduzir os conceitos terminológicos e as definições, que agora terão um sentido concreto: servirão para

nomear o que já conhecemos”. E além de nomear, saber como diferenciar e a forma de conduzir os casos, foram dúvidas que as agentes trouxeram. Em forma de oficinas e explicação das temáticas de maneira clara, didática, tornou-se possível a troca de informações e melhor compreensão das questões levantadas. Outro fator importante foi a identificação de uma possível sobrecarga de trabalho, devido as exigências impostas pela gestão, onde faltam equipamentos e condições necessárias para que as agentes possam desempenhar sua função de maneira que ofereça menos impactos a saúde. Mas elas precisam executar as atividades mesmo com todas as dificuldades existentes. O que nos faz acreditar que esses fatores leve a um estresse ocupacional, defino por Wai e Carvalho (2009, p.564) como “um processo em que o indivíduo percebe demandas do trabalho como estressores, os quais, ao exceder sua habilidade de enfrentamento, provocam no sujeito reações negativas.” O estresse não se dá apenas com a existência de estressores no ambiente, é preciso que o indivíduo perceba atribua o estresse, a cognição entra como o centro de todo este processo. É importante lembrar que atributos subjetivos e situacionais podem influenciar no julgamento do sujeito. A desvalorização da profissão devido ao não investimento por parte de entes governamentais e o contexto de violência em que vivem, são fatores que acarretam medo, insegurança, falta de perspectiva de futuro em ser ACS. Ainda sob a perspectiva de Wai e Carvalho (2009), tais sentimentos podem levar ou agravar um estado de estresse maior. Uma vez que o estresse que está ligado ao trabalho pode interferir de forma negativa nos demais contextos sociais, sendo família, igreja, escola dentre outros. As relações tende a ficarem mais tensas e conflituosas. (WAI E CARVALHO 2009) Esses pontos provocaram reflexões que tocaram a todos, tornando tais momentos propícios a um debate de ideias sobre a realidade atual do país. A formação em saúde mental com as agentes agregou importantes resultados para todo o grupo. Inicialmente devido ao espaço oferecido, onde as ACS puderam expor suas experiências, as dificuldades que encontram no cotidiano de trabalho, seus medos, críticas e também um resgate da identidade das mesmas. Algumas disseram sentir-se aliviadas somente por estarem ali, fazendo parte da formação e podendo falar abertamente sobre si mesmas. Ao final da prática as agentes fizeram uma avaliação de como na percepção delas ocorreu a formação, o retorno foi positivo, todas consideraram as informações obtidas no processo, essencial para sua atuação em campo, puderam refletir, pensar sobre o trabalho, adquirir novos saberes, e isso pra elas foi de grande valor. Para os alunos envolvidos todo o processo contribuiu para uma complementação do saberes teóricos e principalmente em relação a importância de um trabalho em comunidade, onde ambos possam se aproximar, praticar a empatia, sendo possível promover transformações. **CONCLUSÕES:** Através da formação em saúde mental realizada com as Agentes Comunitárias de Saúde foi possível compreender melhor suas necessidades,

dificuldades e conhecimentos. Nota-se que possuem significativa experiência no fazer prático, no entanto na maioria das vezes não conseguem identificar, nomear os fenômenos que se apresentam em seu dia-a-dia num aspecto mais conceitual, ou técnico. Dessa forma, as práticas foram importantes para agregar a teoria, auxiliando em como conduzir os pacientes, ou até mesmo no encaminhamento para um setor mais específico feitos no matriciamento. Outro aspecto importante, pode ser notado na precariedade na formação em saúde mental das agentes. No entanto, este aspecto é de alguma forma algo que se repete nas áreas da saúde não especializado, como pode ser constatado através de pesquisas bibliográficas. **AGRADECIMENTOS:** Aos idealizadores do primeiro projeto que tiveram essa ideia em direcionar um trabalho as comunidades, e especificamente as Agentes Comunitárias de Saúde. Aos professores Manoel e Karla, que nos deram todo o suporte para que fosse possível a realização deste e sua conclusão de forma brilhante. Aos colegas envolvidos que com muito empenho e dedicação, trabalharam juntos para proporcionar as agentes momentos leves, que fugiam a rotina de trabalho, associados a trocas de conhecimentos relevantes em sua profissão.

REFERÊNCIAS

- Afonso, L. (2000). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social
- CECCIM, R.B; FERLA, A. A. Educação Permanente em Saúde. In: *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*.(ORG) Escola Politécnica de Saúde Joaquim
- GOLOMBEK, Diego Andrés. **Aprender e ensinar Ciências: do laboratório à sala de aula e vice-versa**. 2. ed. São Paulo: Sangari do Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/is000005.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- Venâncio. *Observatório dos Técnicos em Saúde*. Fiocruz. Fundação Oswaldo Cruz, R.J, EPSJV, 2006.
- SAMPAIO, Juliana. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v.18, supl. 2, p.1299-1311, 2014 disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 Maio 2018
- SILVA, Débora Schimming Jardini Rodrigues da; DUARTE, Lúcia Rondelo. EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*, Sorocaba, v. 2, n. 17, p.104-105, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/viewFile/23470/pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- WAI, Mey Fan Porfírio; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. O TRABALHO DO AGENTE COMUNITÁRIO

DE SAÚDE: FATORES DE SOBRECARGA E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO. **Rev. Enferm**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 17, p.563-568, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n4/v17n4a19.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.